



**INSTITUTO SUPERIOR
DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
NORTE**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS D VIOLÊNCIA E DA VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA EM ANGOLA**

JOSE CASSULE



**INSTITUTO SUPERIOR
DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
NORTE**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS D VIOLÊNCIA E DA VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA EM ANGOLA**

JOSE CASSULE

Dissertação apresentada no Departamento de Psicologia do Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte para obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica e da Saúde sob orientação do Mestre Ernesto Paulo Fonseca

PORTO

2012

RESUMO

A violência, como um fenómeno de causas diversas, constitui um processo de vitimização que se apresenta em ações que tendem a lesar, subtrair, desconsiderar e dominar, abrangendo sempre um conteúdo de poder intelectual, físico, económico, político ou ainda social. Estes atos de violência alcançam maioritariamente e de modo hostilizado a franja mais vulnerável da sociedade, tais como as crianças, adolescentes e mulheres (Rocha et al. citado por Balista, Basso, Cocco, & Geib, 2004).

Um acto de violência pode ser descrito como a implementação deliberada de uma ação com vista a horrorizar, constranger e envergonhar (Bourdieu, 1999).

A violência nas relações interpessoais é presentemente uma das razões que leva a maioria das pessoas a procurarem ajuda nos serviços de saúde e de psicologia assim como em instituições jurídicas e policiais. A complexidade da violência doméstica coloca-nos a necessidade imperiosa de reflectir seriamente de forma a encontrar as melhores vias para perceber e lidar com esse fenómeno (Diniz & Angelim, 2003).

De entre as causas que promovem atos de violência, salientam-se as insatisfações próprias do ser humano que podem provocar uma falta de autocontrolo e originar atitudes agressivas no contexto da família (Pereira, Santana, & Ferriani, 2001).

A violência pode expressar-se de forma física, sexual, psicológica e por meio da negligência. Quando ocorre no lar e no contexto da interação pai – mãe - filhos, diz-se violência doméstica. Quando a violência inclui outros membros do grupo, sem grau parentesco trata-se de violência intrafamiliar. Aos diferentes níveis socioculturais a violência doméstica pode comprometer a estrutura e funcionamento familiar. (Balista et al., 2004).

O presente estudo abarca indivíduos dos vários segmentos sociais pretendendo evidenciar a violência doméstica como um fenómeno presente na sociedade.

De forma sistematizada desenvolve algumas reflexões sobre a violência doméstica com base nas diferentes teorias explicativas e em função de estudos já efetuados sobre a matéria.

Os resultados alcançados demonstram a necessidade de prestar uma maior atenção a este fenómeno social e de procurar resolver os problemas que possam deteriorar a convivência familiar.

Palavras-chave: Crime, Criminalidade, Violência, Violência domestica.

ABSTRACT

Violence as a phenomenon due to various causes is a process of victimization that presents itself in activities that tend to undermine, circumvent, disregard and master, always including a content of intellectual power, physical, economic, political or social. These acts of violence reached majority and so harassed the fringe of society most vulnerable such as children, adolescents and women (Rocha et al. cited by Ballista, Basso, Cocco, & Geib, 2004). An act of violence can be described as the implementation of a deliberate action to horror, embarrassment and shame (Bourdieu, 1999).

The violence in interpersonal relationships is presently one of the reasons that leads most people to seek help in health care and psychology as well as legal and law enforcement institutions. The complexity of domestic violence places us in the urgent need to think seriously in order to find the best ways to understand and deal with this phenomenon (Diniz & Angelim, 2003).

Among the causes that promote violence, we highlight the grievances of the human being that can cause a lack of self-control and lead to aggressive actions in the context of the family (Pereira, Santana, & Ferriani, 2001).

The violence can express itself in a physical, sexual, psychological and through neglect. When it occurs in the home and in the context of interacting father - mother - child says is domestic violence. When violence includes other members of the group, no degree relatives it is domestic violence. Different socio-cultural domestic violence can affect the structure and functioning family. (Ballista et al., 2004).

This study includes individuals from various social groups intending to highlight domestic violence as a phenomenon in this society.

In a systematic way some reflections on domestic violence based on different theories and explanatory function studies already undertaken on the matter.

Results show the need to pay greater attention to this social phenomenon and seek to resolve problems that may be detrimental to family life.

Keywords: Crime, Crime, Violence, domestic Violence.

AGRADECIMENTOS

À Deus por me conceder vida.

Estou profundamente grato pelo acompanhamento feito pelos nossos amáveis professores e pelo papel vital que desempenharam na transformação do homem novo angolano.

Ao Mestre José Paulo Fonseca que na qualidade de Orientador soube acompanhar-me até ao final desta monografia.

À Direcção da CESPU, pela força que sempre nos deram nas aulas.

Agradeço a todos que disponibilizaram parte do seu tempo para responderem ao instrumento desta investigação.

Gostaria de deixar o meu expresso agradecimento a todos aqueles que, de uma forma directa ou indirecta, tornaram possível a sua consecução.

O meu muito obrigado.

LISTA DE ABREVIATURAS

DP – Desvio Padrão

EUA – Estados Unidos da América

i.e. – Isto é

ISCS-N – Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte

N – Frequência

N.D – Sem data

SPSS – Statistics Package of Social Sciences

t – valor de significância estatística

V – Violência

VD – Violência Doméstica

Conteúdo

INTRODUÇÃO.....	2
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	4
1. Violência e violência doméstica	5
2. Teorias interpretativas da violência doméstica.....	6
3. Consequências da violência doméstica.....	6
4. Quadro teórico das representações sociais	7
5. Mitos construídos em torno da violência e da violência doméstica	8
5.1. A violência ocorre predominantemente fora de casa.....	8
5.2. É fácil falar ou lidar com a violência.....	9
5.3. O autor da violência é um desconhecido, perverso, tarado ou bandido	9
5.4. A violência doméstica é um fenómeno que afecta as famílias de classe baixa	9
6. Tipos de violência doméstica	10
7. Formas de exercício da violência doméstica	10
8. Factores que contribuem para a violência doméstica	11
9. Perfil do agressor e da vítima	12
CAPÍTULO II – MÉTODO.....	13
1. Objectivo geral e objectivos específicos	14
2. Tipo de pesquisa	14
3. Instrumento: Associação livre	14
4 Procedimento	15
5. Participantes	15
6. Processos de tratamento e análise dos dados	16
7. Resultados.....	17
7.1 Características sociodemográficas da amostra	17
7.1.1. Idade	17
7.1.2. Sexo	17
7.1.3. Nível de escolaridade dos participantes.....	18
7.1.4. Distribuição dos participantes em função da profissão	19
7.2. Representação Social da violência	20
7.3. Pessoas Associadas à violência	21
7.4. Representação Social da violência doméstica	21
7.3. Pessoas Associadas à violência doméstica	22
7.5. Representações Sociais da Violência da Violência Doméstica e Pessoas Associadas	23
DISCUSSÃO	25
CONCLUSÕES	26
Anexo 1	30
Anexo 2	31

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Idade dos participantes	17
Tabela 2. Distribuição da amostra por gênero	17
Tabela 3. Distribuição da amostra pelo grau de escolaridade	18
Tabela 4. Profissão dos participantes	19
Tabela 5: Palavras associadas ao indutor violência.....	20
Tabela 6: Pessoas associadas à violência	21
Tabela 7: Palavras associadas ao indutor violência doméstica.....	22
Tabela 8: Pessoas associadas à violência	23

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Representação Social da Violência e da Violência Doméstica e Pessoas Associadas	24
---	----

INTRODUÇÃO

O estudo desenvolvido sobre qualquer área do conhecimento reclama pela apresentação e fixação do significado científico dos fenômenos a serem investigados (Alvarenga, 2004).

Assim sendo, o presente trabalho trata sobre o tema “as representações sociais da violência e da violência doméstica”.

De acordo com Von Liszt citado por Alvarenga (2004), o crime representa um fenômeno individual ou multi-individual que contraria as condições de sobrevivência da sociedade, enquanto que a criminalidade, não é a soma dos crimes praticados num determinado tempo e num determinado lugar, mas um fenômeno social que resulta de factos sucessivos que contrariam gravemente as condições existenciais da vida social.

Segundo este autor, percebe-se assim a primeira distinção entre os conceitos de crime e de criminalidade, sendo que o crime constitui um fenômeno individual, enquanto a criminalidade corresponde a um fenômeno social.

Mas, o crime, como é claro, não é praticado por todo indivíduo, ao contrário do que acontece com a criminalidade, que ocorre em toda sociedade. Ferri, sociólogo e criminalista italiano, defendeu a denominada *Teoria da Saturação Criminal*, que sustentava que a criminalidade era um fenômeno natural da vida em sociedade. Neste sentido, cada sociedade tem a criminalidade que comporta, nem mais nem menos, em razão das condições por ela criadas e mantidas, até que se dê a saturação, assim como o açúcar derramado em excesso na água (Alvarenga, 2004).

Daí a segunda distinção entre crime e criminalidade: o crime é um fenômeno anormal no indivíduo; a criminalidade, um fenômeno normal na sociedade.

Ora, assim sendo, se esses males possuem diferenças tão marcantes, como podem ser combatidos pelos mesmos meios? Há, por exemplo, quem defenda que crime e criminalidade sejam perseguidos, a um só tempo, pelo direito penal, pela polícia, pelo Ministério Público e pela Justiça. Nada mais errado. O crime, ele sim, merece tal combate, mas a criminalidade não. O direito penal pode, antes, durante e depois da prática do crime, exercer ação punitiva, corretiva e intimidativa para desmotivar a prática ou reincidência do crime, mas não possui eficácia significativa sobre a criminalidade. Esta não é gerada pelos motivos do agir nem pode, então, ser evitada mediante contra motivos. Na criminalidade, há causas determinantes, ou seja, fatores que a desencadeiam, que não podem ser contidos por simples impulsão de mecanismos jurídicos e normativos (Alvarenga, 2004).

O primeiro possui motivos; a última possui causas ou, melhor, fatores. Só se consegue combater a criminalidade não para extingui-la - o que seria impossível, ou, pelo menos, utópico, mas para diminuí-la, limitando-a em níveis suportáveis e anteriores à fase de saturação, mediante recursos a ela homogêneos, ou seja, os de natureza social, políticos e económicas. Contra ela não há repressão – que só se aplica ao crime, mas prevenção, que se pode procurar obter mediante melhor distribuição de renda; contenção do êxodo rural e do urbanismo; reforma agrária e urbana; desenvolvimento empresarial e nacional; multiplicação crescente de oportunidades de emprego e do planeamento familiar (Alvarenga, 2004).

Os meios de combate à criminalidade são exclusivamente preventivos; os de combate ao crime, embora possam ser preventivos, são essencialmente repressivos.

Com o presente trabalho pretende-se analisar o fenómeno da violência doméstica focando-se nalgumas das suas extensões.

É desnecessário destacar a importância da questão da violência doméstica. É um problema antigo e não se pode dizer há quanto tempo se constata a sua existência, sendo provavelmente concomitante com o surgimento da própria unidade familiar. É comum e nota-se que ocorre com indesejável frequência na sociedade. É um fenómeno generalizado que não discrimina pobres e ricos, negros e brancos, cultos e incultos. É grave e abarca inúmeras tragédias e danos em decorrência dele. É universal, isto é, ocorre em todos os países, das mais diversas culturas, em todos os pontos do planeta. Tem, por conseguinte, infelizmente, todas as características de um grande problema, razão pela qual não se devem poupar esforços para tentar resolvê-lo.

De acordo com Odalia (2004), a violência parece actualmente tão característica do nosso dia-a-dia que pensar e agir em função dela deixou de ser um acto circunstancial para se transformar numa forma do modo de ver e de viver o mundo do homem.

A violência surgiu há muito tempo em nossa história e pode-se afirmar que possui um carácter estrutural: não é localizada, nem esporádica ou passageira.

Efectivamente, a violência tem atingido níveis inusitados, levando alguns analistas a caracterizarem tal estado de coisas como verdadeira epidemia, e outros como guerra civil não declarada.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Violência e violência doméstica

O termo violência procede do latim *violentia* e quer dizer o ato de violentar ostensivamente contra o direito natural, fazendo o uso do constrangimento sobre certa pessoa por forçá-la a praticar algo contra sua vontade (Climene & Buralli, 1998).

Rocha, Tassiano e Santana (2001) consideram violência como um fenómeno multicausal, um processo de vitimização que se expressa em atos com intenção de prejudicar, subtrair, subestimar e subjugar, envolvendo sempre um conteúdo de poder, quer seja intelectual, quer seja físico, económico, político ou social. Atingem de forma mais hostil os seres mais indefesos da sociedade, como as crianças e adolescentes, e também as mulheres sem, contudo, poupar os demais.

O conceito de violência doméstica deve ser o mais abrangente possível, para incluir toda e qualquer forma de agressão causada entre pessoas que tenham vínculos familiares ou afectivos entre si, e também vínculos decorrentes da convivência próxima.

O Código de Processo Civil da Flórida (EUA) define violência doméstica como sendo qualquer forma de agressão, abuso sexual, perseguição, sequestro, cárcere privado, lesões corporais ou morte provocadas por um familiar ou morador contra outros que estejam (ou estiveram) habitando a mesma residência (Conti, 2002).

A Lei de Violência Doméstica do Estado de Illinois (EUA), o "Illinois Domestic Violence Act", considera "violência doméstica" qualquer agressão física, ofensa, intimidação ou privação de liberdade entre familiares. Incluem-se no conceito de familiares a esposa, concubina, pais, filhos, netos e demais pessoas ligadas por laços de sangue ou por uniões actuais ou anteriores; pessoas que dividem ou já dividiram o mesmo teto; pessoas que têm filhos em comum, reconhecidos ou não; pessoas que tenham qualquer relação por consanguinidade; pessoas que têm ou tiveram qualquer ligação amorosa; os deficientes físicos e seus responsáveis; podem ainda ser incluídos neste rol indivíduos com laços fortes de amizade em decorrência de trabalho ou outro relacionamento social (Conti, 2002).

Segundo Andrade e Fonseca (2008), a violência doméstica caracteriza-se por actos de agressividade física, psicológica e sexual, bem como a coacção económica praticados dentro de casa ou no âmbito familiar entre indivíduos unidos por laços civil (marido e mulher, sogra, padrasto) e natural (pai, mãe, filhos, irmãos).

Machado e Gonçalves (2003) consideram violência doméstica qualquer acto, conduta ou omissão que sirva para infligir, reiteradamente e com intensidade, sofrimentos físicos, sexuais, mentais ou económicos, de modo directo ou indirecto (por meio de ameaças, enganos, coacção ou qualquer outro meio) a qualquer pessoa que habite no mesmo agregado doméstico privado (pessoas – crianças, jovens, mulheres adultas, homens adultos ou idosos – a viver em alojamento comum) ou que, não habitando no mesmo agregado doméstico privado que o agente da violência, seja cônjuge ou companheiro marital ou ex-cônjuge ou ex-companheiro marital.

2. Teorias interpretativas da violência doméstica

De acordo com Guerra citado por Yamazaki e Escobar (2000), existem três teorias que basicamente explicam a questão da violência doméstica:

a) *Teorias Psicodinâmicas*: são as que presumem o comportamento como primariamente o resultado da interacção de forças intrapsíquicas. Essas forças são descritas em termos de traços de personalidade e estados medidas através de testes psicológicos ou identificados por julgamento clínico.

b) *Teorias de Aprendizagem Social*: defendem a ideia de que o comportamento violento pode ser aprendido.

c) *Teorias Sociopsicológicas*: propõem uma multiplicidade de fatores para explicar a violência contra a criança. Analisa basicamente as características sociais dos agressores, as da vítima e a situação contextual do próprio ambiente violento, como a posição socioeconômica dos pais (idade, sexo), seus valores e normas, sua socialização anterior (principalmente em termos de um aprendizado de violência no próprio lar), seus traços de personalidade e problemas de ordem neurológica. Resgatam fundamentalmente a contribuição da criança para o ato agressivo.

3. Consequências da violência doméstica

A violência traz consequências a nível orgânico, psicológico, comportamental (a exemplo do autoritarismo e delinquência) bem como o desequilíbrio familiar. As físicas ou orgânicas estão ligadas a sequelas no corpo como lesões no abdômen, no globo ocular, nos ossos (fraturas), na pele (queimaduras e lesões permanentes ou temporárias), podendo no extremo levar à morte. As psicológicas estão caracterizadas por raiva, medo, ansiedade e revolta diante do agressor, provocando desconfiança, baixa aprendizagem, sentimentos de exclusão e receio nos relacionamentos interpessoais. Nas consequências comportamentais, a pessoa pode manifestar

em função do sofrimento atitudes de imposição, negação e de não aceitação das ideias contrárias levando-a a praticar delitos e crimes, e a ser punido severamente pelos atos por si cometidos (Balista et al., 2004).

Muitos casos de violência doméstica derivam da associação com o consumo de álcool e drogas, pois o consumo dessas substâncias psicoativas pode tornar a pessoa mais irritável e agressiva (Melo, Caldas, Carvalho, & Lima, 2005; Rabello & Caldas-Junior, 2007).

É importante discutir e analisar a violência doméstica em função dos papéis de gênero. Pois, considera-se que as mulheres vêm reclamando por seus direitos e maior atenção que passaram a ser relacionados à violência doméstica, e hoje o movimento feminista tem como uma de suas principais metas a luta para eliminar esse tipo de violência (Deslandes, Gomes, & Silva, 2000; Narvaz & Koller, 2006).

A violência exercida contra o homem também existe, mas o homem tende a esconder mais por vergonha. O agente causador pode ser a sua própria parceira, parentes ou amigos, no sentido de espancar ou humilhá-lo. Também aparecem casos em que o homem é apanhado de surpresa, a exemplo de enquanto dorme (Saffioti, 2001).

4. Quadro teórico das representações sociais

Para Moscovici citado por Alexandre (2004, p.126), a representação social é "uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos".

Bonfim e Almeida citados por Almeida, Santos e Rossi (2006) explicam que é modalidade particular porque só é representação social o conhecimento advindo do senso comum, ou seja, elaborado socialmente na vida quotidiana e que tem como função interpretar e agir sobre a realidade. Quanto ao seu papel na formação de condutas, a representação social não só modela o comportamento como também justifica a sua expressão. Em última instância, a representação social prepara a ação, conduz o comportamento, modifica e reconstitui os elementos do ambiente no qual vai ocorrer o comportamento. Finalmente, quanto à comunicação, o papel da representação social é o de constituir um instrumento por meio do qual os grupos apreendem formas de se envolver e de se relacionar, com a mediação da linguagem.

As representações sociais se sobressaem em relação a outros fenómenos no plano simbólico porque surgem da realidade quotidiana, a qual tem prevalência sobre outras realidades como a

religiosa e a científica, por exemplo. E essa prevalência é determinada tanto pela linguagem – que não só fundamenta o quotidiano como fornece as respostas necessárias ao sentido desse quotidiano – como pela estrutura social da realidade, em cuja interacção o indivíduo compartilha sua subjectividade, estabelecendo diferenças entre realidades vividas e outras que existem na consciência. Essas outras realidades têm, assim, um carácter finito de significação (Almeida et al., 2006).

Em suma, a teoria das representações sociais parte da multiplicidade dos indivíduos, das atitudes e dos fenómenos, tendo em conta sua estranheza e imprevisibilidade para tentar mostrar de que forma indivíduos e grupos podem edificar um mundo estável e previsível nesse contexto (Moscovici citado por Almeida et al., 2006).

5. Mitos construídos em torno da violência e da violência doméstica

Os mitos sobre a violência serão considerados, como as ideias preconcebidas, as deduções preconceituosas, os boatos e as representações falsas, muitas vezes ilusórias e infundadas, que nos levariam a conclusões apressadas na compreensão dos fenómenos de violência. O perigo está no facto de que esses mitos acabam por influenciar concepções e por estabelecer parâmetros para intervenções quer seja em nível psicoterapêutico, médico, legal ou de assistência social que desvalorizam e deslegitimam as queixas das pessoas envolvidas em casos de violência (Diniz & Angelim, 2003).

Com base nessa definição, e de acordo com a obra apresentada por Diniz e Angelim (2003), serão descritos alguns dos mitos mais comuns em torno da violência.

5.1. A violência ocorre predominantemente fora de casa

O mito da violência entendido como algo externo subsiste provavelmente por a violência social estar tão presente em nossas vidas. Esse tipo de mito também é sustentado pelo facto de sermos continuamente influenciados pela televisão, jornais e revistas com informações sobre roubos, assaltos e homicídios – formas de violência criminosa e mais actualmente, com informes sobre vários tipos de violência política, das quais os conflitos étnicos, religiosos e o terrorismo. Portanto, não se tem prestado atenção para o facto de a violência ser um fenómeno diverso e complexo (Diniz & Angelim, 2003).

5.2. É fácil falar ou lidar com a violência

Os silêncios e segredos podem representar muitos medos que pessoas atingidas costumam sentir. Geralmente as crianças, os adolescentes e mulheres adultas sofrem pressões e ameaças por parte da pessoa que os violenta. Esse tipo de pressão e ameaça adicionadas ao sentimento de lealdade para com o familiar (pai, tio, avô, marido) silenciam as pessoas. Aparece o medo de ser mal percebida e de não obter apoio, o medo de ser responsabilizada ou culpabilizada pelo que ocorreu e o medo de ser desvalorizada ou estigmatizada pelos familiares e sociedade em geral (Diniz & Angelim, 2003).

5.3. O autor da violência é um desconhecido, perverso, tarado ou bandido

A pessoa que comete violência doméstica é alguém a quem culturalmente foi atribuída a função de cuidar. Isso represente um agravante que dá à experiência da violência doméstica um carácter singular, porque a pessoa vitimada permanece colocada numa situação de afecto dividido e distorcido. Facto que acrescentado ao isolamento do casal e da família pode solidificar uma relação de duplo-vínculo (Diniz & Angelim, 2003).

5.4. A violência doméstica é um fenómeno que afecta as famílias de classe baixa

É possível que esse mito se suporte no fato de que as famílias de classe baixa estarem mais expostas. As famílias de classe média e alta empregam a omissão, o silêncio e o segredo como forma de amparar e cobrir sua imagem social (Brauner & Carlos, 2004).

Um aspecto marcante a considerar resulta nos obstáculos em acabar com os mitos e modalidades culturais que traçam e reforçam a submissão das mulheres perante a imposição do homem. Uma das maneiras de tornar invisível a violência contra as mulheres, crianças e idosos consiste na pouca atenção que têm as suas vivências, inquietações e queixas (Soares, 1999).

Pode-se, a seguir, apontar alguns exemplos de preconceitos sobre violência doméstica: “É preciso aguentar para o bem dos filhos”; “Quanto mais me bates mais gosto de ti”; “Entre marido e mulher ninguém mete a colher”; “A mulher sofre porque quer, senão já o tinha deixado” (Costa citado por Alves, 2005, p.10); a mulher pode afastar a violência se ela o desejar; a esposa tem o dever de satisfazer o seu parceiro sexualmente (Soihet, 1997). Segundo este último autor, os mitos representam uma forma de violência simbólica, isto é, estes enunciados permitem a assimilação normas e regras com representação social inferior e

ténue da mulher como um ser mais dotado do ponto de vista emocional do que racional ou intelectual, o que coloca a mulher numa situação de dominação e exclusão.

6. Tipos de violência doméstica

A violência é um fenómeno que pode verificar-se em vários âmbitos e níveis da vida social, daí que a sua expressão constitui também uma diversidade e em diferentes graus (Ramirez-Rodriguez & Patiño-Guerra, 1996).

Segundo Azevedo e Guerra (1995), a violência doméstica encerra variadas formas de violência, cujas principais são: a violência física, a violência psíquica e a violência sexual.

A violência física decorre por meio de maus-tratos corporais como espancamentos, queimaduras ou ainda através da negligência em relação de cuidados básicos de alimentação, vestuário e segurança. Fala-se de violência psicológica: quando o constrangimento é imposto á alguém sob a forma de ameaças, humilhações e ou privação emocional, enquanto a violência sexual corresponde à coacção efectuada a uma ou determinadas pessoas por meio da participação de práticas eróticas.

7. Formas de exercício da violência doméstica

Há várias maneiras de exercer a violência no seio familiar (Azevedo & Guerra, 1995):

Coagir e ameaçar: ameaçar provocar lesões na vítima; ameaçar abandonar, suicidar-se; queixar-se do parceiro à Segurança Social; obrigar a prática de condutas proibidas.

Intimidar: amedrontar a propósito de olhares, actos, comportamentos; quebrar objectos; destruir pertences ou objectos pessoais de outrem; maltratar os animais domésticos; exhibir armas.

Usar a violência emocional: desanimar; fazer com que o outro se sinta mal consigo próprio; insultar; fazer com que o outro se sinta mentalmente diminuído; humilhar.

Isolar: controlar a vida do outro, com quem interage, seus afazeres e as saídas; confinar o envolvimento externo do outro; usar o ciúme como justificação.

Minimizar, negar, condenar: menosprezar a violência e não dar atenção às preocupações do outro; dizer que a agressão ou a violência jamais aconteceram; transferir para o outro a responsabilidade pelo comportamento violento e certificar que a culpa é do outro.

Instrumentalizar os filhos: fazer o outro sentir-se culposos em relação aos filhos; utilizar os filhos para passar mensagens; beneficiar das visitas de amigos para atormentar, hostilizar; intimidar e levar de casa os filhos.

Uso do “machismo”: tratar a mulher como empregada; tomar todas as decisões importantes sozinho; ser ele quem define o papel da mulher.

Utilizar a violência económica: acautelar que o outro tenha ou mantenha um emprego; forçar o pedido de dinheiro; estabelecer uma mesada; apoderar-se do dinheiro do outro; impedir que o outro conheça ou aceda ao rendimento familiar.

8. Factores que contribuem para a violência doméstica

Machado e Gonçalves (2003) consideram os seguintes factores como contribuintes para o desenvolvimento da violência:

O isolamento que pode ser geográfico, físico, afectivo e social;

A fragmentação, divisão ou separatismo;

O poder e o domínio ou a influência moral;

Tendência para a violência baseadas nas crenças e atitudes;

Situações de stress (desemprego; problemas financeiros; gravidez; mudanças de papel – tais como início da frequência de um curso ou novo emprego do outro);

Frustração;

Alcoolismo ou toxicod dependência;

Vivências infantis de agressão ou de violência parental;

Personalidade sádica;

Perturbações mentais ou físicas.

De acordo com Maldonado e Williams (2005), assinala-se uma série de factores como a pobreza excessiva, problemas de saúde, o consumo de bebidas alcoólicas e de drogas, o baixo grau de escolaridade e a falta de uma rede organizada de suporte social nas famílias de determinadas comunidades, que concorrem grandemente para a violência doméstica.

Como se pode analisar, existem muitos factores. Porém, as causas aqui referenciadas consideram-se como mais próximas deste problema.

9. Perfil do agressor e da vítima

Segundo dados estatísticos dos relatórios analisados, os agressores são principalmente homens e as vítimas de violência doméstica são sobretudo mulheres.

Sendo assim, vou fazer uma breve descrição do perfil do agressor, enquanto homem, e, da vítima, enquanto mulher.

Na generalidade, a pessoa violenta exhibe certos traços comuns: são indivíduos alcoólicos, sem emprego ou desocupados, com baixa auto-estima, têm antecedentes de maus-tratos, acometidos por depressão, progressão da violência e precocidade (Costa, 2003).

Aparentemente os agressores mostram-se responsáveis, dedicados, carinhosos e comumente fazem questão de ser cidadãos exemplares (Machado & Gonçalves, 2003). Porém, apesar de violento, o indivíduo sente-se frequentemente culpado, prometendo ao parceiro melhorias em relação ao futuro. Entretanto, sente dificuldades em transformar e melhorar a sua conduta porque não consegue e, em como consequência, renova o sentimento de culpabilidade, procura consumir o álcool e volta a agredir ou violentar a outra pessoa (Costa, 2003).

Quanto às vítimas, as mulheres constituem a maioria por serem a parte mais frágil da relação. As crianças são também vítimas apesar de não serem directamente objecto de violência física. Ao comprovarem a violência entre os pais, as crianças desencadeiam um processo de aprendizagem da violência como um modo de estar e de viver e, quando adultas, poderão reproduzir o modelo, além de que a violência lhes acarreta sofrimento emocional e os respectivos problemas (Machado & Gonçalves, 2003).

Considerando que não existe um tipo padrão para a vítima, Portugal (2003) anuncia algumas características mais comuns: são usualmente envergonhadas, silenciosas, impossibilitadas de reagir, acomodadas, apáticas, emocionalmente dependentes e deprimidas.

CAPÍTULO II - MÉTODO

1. Objectivo geral e objectivos específicos

O objectivo geral é o de descrever e compreender as representações sociais da violência e da violência doméstica em Angola.

Os objectivos específicos são:

- Caracterizar a situação actual de violência e da violência doméstica em Benguela em termos de percepção
- Descrever as pessoas que mais se associam a violência e violência doméstica

2. Tipo de pesquisa

Nesta pesquisa, o método utilizado está intimamente ligado aos objectivos que são delimitados. Tal como Moscovici (1976) o fez em relação à psicanálise, pretende-se, em relação à violência e à violência doméstica, efectuar aproximações, quer em relação ao que as pessoas pensam, quer em relação ao como e porque elas o pensam (Doise, 1986a).

Tendo em conta o objectivo pretendido, optou-se, pois, pela realização de um estudo exploratório de carácter descritivo com uma abordagem qualitativa e quantitativa, como sugere Vianna (2001) no seguinte enunciado: cada situação pode ser analisada com base nos dados descritivos, no sentido de reconhecer relações, causas e efeitos para perceber melhor a realidade estudada, no caso presente a violência doméstica.

3. Instrumento: Associação livre

Utilizou-se a técnica da associação livre, procedimento usual no domínio das representações sociais, para efectuar aproximações em relação ao universo semântico da representação do crime (Clemente, 1992). A associação livre consiste em pedir ao sujeito que produza uma lista de palavras a seguir a um indutor.

Como esta técnica dificilmente fornece dados sobre a organização do discurso dos sujeitos, revela-se mais pobre do que a técnica de entrevista livre não directiva ou semi-directiva. Permite, no entanto, uma economia de tempo e, no momento do tratamento estatístico, reduzir o enviesamento produzido pelo investigador (Poeschl, 1992). Daí, contrariamente às regras complexas que devem ser utilizadas na análise de entrevistas, a associação livre é, em geral, objecto de um pequeno número de reduções, que permitem minimizar as alterações no

discurso do sujeito. As regras propostas por Di Giacomo (citado por Poeschl, 1992) são, neste âmbito, um bom exemplo.

Para o trabalho de campo foi, pois, utilizado e aplicado aos participantes um instrumento de associação livre para a obtenção de informações sobre a violência e violência doméstica, bem como os dados sociodemográficos relacionados com a idade, sexo, habilitações literárias e estado civil (ANEXO).

4 Procedimento

Inicialmente foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que os participantes pudessem assiná-lo como testemunho da sua concordância em fazer parte do estudo.

Nesse sentido, antes da aplicação do questionário, o mesmo foi assinado por todos os participantes sendo prévia e devidamente esclarecidos sobre a sua importância do estudo e os procedimentos necessários sobre o preenchimento do referido instrumento.

O procedimento de recolha de dados foi realizado durante 4 semanas. Na totalidade dos casos, a técnica da associação livre foi auto-administrada e respondida de forma individual. Era solicitado aos sujeitos para associarem palavras ao indutor, tendo sido colocada a questão “(indutor) faz-me pensar em...”.

Ao final cada entrevista o pesquisador agradeceu aos participantes pela sua disponibilidade e contribuição, deixando claro quanto a confidencialidade das informações adquiridas.

A ordem de apresentação dos conceitos foi contrabalançada, quer dizer que metade dos participantes primeiro respondeu ao indutor violência e pessoas associadas à violência e a depois ao indutor violência doméstica e pessoas associadas à violência doméstica, enquanto na outra metade a ordem de apresentação foi a inversa.

5. Participantes

Os participantes do presente estudo correspondem aos indivíduos habitantes ou residentes na região do litoral de Benguela (cidades do Lobito, Benguela e Catumbela), na condição de adultos que soubessem ler e escrever. Além disso, um outro critério de inclusão seria que os participantes concordassem em participar do estudo. A amostra total consistiu em 69 indivíduos.

6. Processos de tratamento e análise dos dados

Inicialmente foi criada uma matriz em SPSS para a inserção dos dados colectados e tratamento estatístico dos mesmos.

Foi empregado um tipo de análise descritiva, utilizando as frequências.

7. Resultados

7.1 Características sociodemográficas da amostra

Nesta secção é feita a descrição das características sócio-demográficas da amostra tendo em conta as seguintes variáveis: idade, sexo, nível de escolaridade e profissão.

7.1.1. Idade

A Tabela 1 apresenta a distribuição dos participantes por idade, estando representadas a frequência (N), a percentagem (%), o valor mínimo, máximo, média e desvio padrão (DP) das idades.

Tabela 1: Idade dos participantes

Grupos de idade	N	%	Mínimo	Máximo	Média	DP
20 a 29 anos	27	39.1	-	-	-	-
30 a 39 anos	22	31.9	-	-	-	-
40 a 49 anos	16	23.2	-	-	-	-
50 ou mais anos	1	1.4	-	-	-	-
Omisso	3	4.3	-	-	-	-
Total de idade	69	100	20	55	33	9

Como se pode analisar, a idade dos participantes varia de 20 a 55 anos, com uma média de 33 anos e DP de 9. Constata-se ainda que a maioria dos participantes com 39.1% (N=27) tem entre 20 e 29 anos de idade; 31.9% da amostra (N=22) situa-se entre 30 e 39 anos; 23.2% (N=16) entre 40 e 49 anos enquanto apenas 1.4% (N=1) tem uma idade igual ou superior à 50 anos.

7.1.2. Sexo

Em relação a distribuição da amostra por género, a Tabela 2 indica que a maior parte dos participantes pertence ao sexo masculino (52.2%; N=36) enquanto 43.5% da amostra (N=30) são do sexo feminino.

Tabela 2. Distribuição da amostra por género

Sexo	N	%
Masculino	36	52.2
Feminino	30	43.5
Omisso	3	4.3
Total	69	100

7.1.3. Nível de escolaridade dos participantes

Analisando os dados da Tabela 3, é possível perceber que a amostra tem um nível de escolaridade considerado bom. Pois, a maioria dos participantes, isto é, 62.3% (N=43) tem como habilitações o ensino superior; 23.2% (N=16) encontram se com a 12ª classe feita; 5.8% (N=4) concluíram a 10ª classe enquanto que com 1.4% (N=1) têm a 8ª, 11ª e 13ª classe.

Tabela 3. Distribuição da amostra pelo grau de escolaridade

Habilitações literárias	N	%
8ª Classe	1	1.4
10ª Classe	4	5.8
11ª Classe	1	1.4
12ª Classe	16	23.2
13ª Classe	1	1.4
Ensino superior	43	62.3
Omisso	3	4.3
Total	69	100

7.1.4. Distribuição dos participantes em função da profissão

A Tabela 4 demonstra a variedade de profissões dos participantes do estudo.

Tabela 4. Profissão dos participantes

Tipos de profissão	N	%
Consultor	2	2.9
Contabilista	3	4.3
Economista	1	1.4
Electricista	1	1.4
Enfermeiro	4	5.8
Estudante	7	10.1
Estofador	1	1.4
Forense	1	1.4
Gestor	1	1.4
Intérprete	1	1.4
Jurista	4	5.8
Mecânico	1	1.4
Militar	5	7.2
Motorista	1	1.4
Operador	1	1.4
Operador de informática	2	2.9
Operário	1	1.4
Professor	16	23.2
Secretário	7	10.1
Técnico agrário	1	1.4
Técnico de monitoramento	1	1.4
Tesoureiro	1	1.4
Omisso	6	8.7
Total	69	100

A análise da Tabela 4 permite afirmar que a maior parte da amostra é funcionário público, com a profissão de professor, tendo uma representação de 23.2% (N=16). Com 10.1% (N=7) dos participantes têm a profissão de secretário ou estuda apenas; com 7.2% (N=5) são militares; com 5.8% (N=4) são enfermeiros ou juristas; 4.3% da amostra (N=3) é contabilista; com 2.9% (N=2) são consultores ou operadores de informática, enquanto que com 1.4% (N=1) vêm as demais profissões.

7.2. Representação Social da violência

Foram produzidos 309 respostas a que correspondem 173 termos diferentes, cujas frequências variam entre 16 e 1.

A análise de frequências evidencia 28 respostas com frequência igual ou superior a 3, isto é, a 2% da amostra, Tabela 5.

As palavras mais referidas são agressão, agressão física e abuso sexual, com 16, 13 e 10 respostas, respectivamente.

Tabela 5: Palavras associadas ao indutor violência

Agressão	16
Agressão física	13
Abuso sexual	10
Maltratar	8
Abuso	6
Agressão moral	5
Bater	5
Matar	5
Roubo	5
Assaltar	4
Conflito familiar	4
Destruir	4
Guerra	4
Maldade	4
Morte	4
Ofensas morais	4
Pobreza	4
Agressão verbal	3
Armas	3
Brutalidade	3
Coacção	3
Cobardia	3
Crueldade	3
Falta de liberdade	3
Homicídio	3
Luta	3
Ofensas corporais	3
Violar	3

Seguem-se maltratar com 8, abuso com 6. Com 5 respostas aparecem as palavras agressão moral, bater, maltratar e roubo.

Assaltar, conflito familiar, destruir, guerra, maldade, morte, ofensas morais e pobreza têm 4 respostas cada, enquanto agressão verbal, armas, brutalidade, coacção, cobardia, crueldade, falta de liberdade, homicídio, luta, ofensas corporais e violar têm 3 respostas cada.

7.3. Pessoas Associadas à violência

Foram produzidos 293 respostas a que correspondem 155 termos diferentes, cujas frequências variam entre 17 e 1.

A análise de frequências evidencia 26 respostas com frequência igual ou superior a 3, isto é, a 2% da amostra, Tabela 6.

As palavras mais referidas são drogado, agressor, desempregado e alcoólico, com 17, 11, 10 e 9 respostas, respectivamente.

Tabela 6: Pessoas associadas à violência

Drogado	17
Agressor	11
Desempregado	10
Alcoólico	9
Criança	5
Desequilibrada	5
Doente mental	5
Homem	5
Ladrão	5
Mulher	5
Pai	5
Bruto	4
Cruel	4
Família	4
Frustrado	4
Jovem	4
Violento	4
Adolescente	3
Adulto	3
Covarde	3
Criança de rua	3
Delinquente	3
Filho	3
<i>Gangster</i>	3
Marginal	3
Psicopata	3

Criança, desequilibrada, doente mental, homem, ladrão, mulher e pai têm 5 respostas cada, e bruto, cruel, família, frustrado, jovem e violento têm 4 respostas. Finalmente, adulto, covarde, criança de rua, delinquente, filho, *gangster*, marginal e psicopata têm 3 respostas cada,

7.4. Representação Social da violência doméstica

Foram produzidos 344 respostas a que correspondem 186 termos diferentes, cujas frequências variam entre 10 e 1.

A análise de frequências evidencia 28 respostas com frequência igual ou superior a 3, isto é, a 2% da amostra, Tabela 7.

As palavras mais referidas são agressão e maltratar, com 10 e 8 respostas, respectivamente.

Tabela 7: Palavras associadas ao indutor violência doméstica

Agressão	10
Maltratar	8
Abandonar filhos	6
Agredir marido	6
Crueldade	6
Agredir pai	5
Agressão familiar	5
Agressão física	5
Brutalidade	5
Falta de diálogo	5
Violação	5
Abuso sexual	4
Agredir esposa	4
Falta de educação	4
Intolerância	4
Pobreza	4
Abandonar	3
Abuso	3
Agredir filhos	3
Agressão moral	3
Castigar	3
Ciúmes	3
Desespero	3
Desprezo	3
Fome	3
Ofensa moral	3
Ofensas corporais	3
Sufrimento	3

Abandonar filhos, agredir, marido e crueldade têm 6 respostas cada, enquanto agredir pai, agressão familiar, agressão física, brutalidade, falta de diálogo e violação têm 5 respostas cada.

Com 4 respostas cada surgem abuso sexual, agredir esposa, falta de educação, intolerância e pobreza. Finalmente, com 3 respostas cada temos abandonar, abuso, agredir filhos, agressão moral, castigar, ciúmes, desespero, desprezo, fome, ofensa moral, ofensas corporais e sofrimento.

7.3. Pessoas Associadas à violência doméstica

Foram produzidos 300 respostas a que correspondem 123 termos diferentes, cujas frequências variam entre 23 e 1.

A análise de frequências evidencia 27 respostas com frequência igual ou superior a 3, isto é, a 2% da amostra, Tabela 8.

As palavras mais referidas são filho, pai, mãe e alcoólico, com 23, 21, 14 e 12 respostas, respectivamente.

Tabela 8: Pessoas associadas à violência

Filho	23
Pai	21
Mãe	14
Alcoólico	12
Drogado	8
Irmão	8
Marido	8
Avôs	7
Doente mental	7
Esposa	7
Psicopata	7
Tio	7
Mulher	6
Sobrinho	6
Cruel	5
Padrasto	5
Analfabeto	4
Ciumento	4
Enteado	4
Jovem	4
Marginal	4
Sogro	4
Criança	3
Familiar	3
Frustrada	3
Maldoso	3
Neto	3

Drogado, irmão e marido têm 8 respostas cada, enquanto avô, doente mental, esposa, psicopata e tio têm 7 respostas cada.

Com 6 respostas temos mulher e sobrinho e com 5 respostas cruel e padrasto.

Analfabeto, ciumento, enteado, jovem, marginal e sogro têm 4 respostas cada e, finalmente, criança, familiar, frustrada, maldoso e neto têm 3 respostas

7.5. Representações Sociais da Violência da Violência Doméstica e Pessoas Associadas

Como se pode observar na Figura 1 o campo representacional da violência aproxima-se do da violência doméstica e inclui itens como abuso sexual, agressão, agressão física e maltratar.

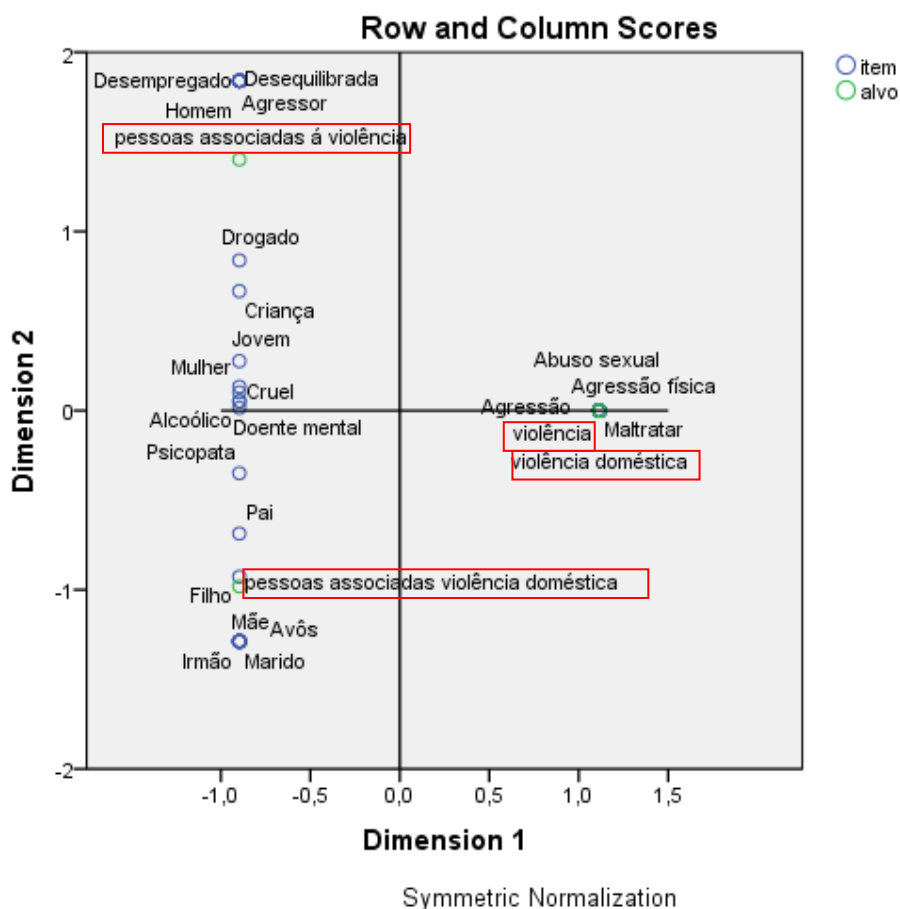


Figura 1: Representação Social da Violência e da Violência Doméstica e Pessoas Associadas

As pessoas associadas à violência são, sobretudo, agressor, desempregado, desequilibrado, homem, ladrão e drogado.

As pessoas associadas à violência doméstica são, marido, irmão, mães, avós, filhos e pai.

Criança, jovem, mulher, cruel, alcoólico, doente mental e psicopata são figuras que estão associadas quer à violência, quer à violência doméstica.

DISCUSSÃO

Um estudo desenvolvido por Ferriane e Pelegrino (2004), com o objectivo de conhecer e caracterizar os casos de violência, revelou que a 46.8% dos participantes eram do sexo feminino e, contrariamente ao que diz a literatura, mostrou predominância de violência do tipo negligência em 37.7%. A violência sexual tem sido descrita na literatura como um dos que mais predominam (Dantas-Berger & Giffin, 2005). A violência sexual é também um dos elementos do campo representacional da violência. Os crimes patrimoniais estão menos presentes.

De acordo com a literatura (Alves, 2005), a violência física tem-se revelado como a de maior índice. Esses dados são reforçados pelos resultados do presente estudo na medida em que a violência do tipo físico mostrou-se como a mais predominante, e em termos de violência doméstica, o tipo físico também está muito presente.

Num estudo sobre violência doméstica efectuado por Deslandes et al. (2000), encontrou-se o esposo/parceiro/companheiro como o principal agressor e a maioria dos participantes, resultado consistente com o deste estudo.

Estes resultados sugerem que os participantes deste estudo tendem a associar à sua rede de contactos à violência doméstica e as demais pessoas à violência.

CONCLUSÕES

Os campos da representação social da violência e da violência doméstica, em Angola, estão muito associada à agressão física e ao abuso sexual. Em menor escala ao crime patrimonial. As pessoas associadas à violência são, sobretudo, agressor, desempregado, desequilibrado, homem, ladrão e drogado. As pessoas associadas à violência doméstica são, marido, irmão, mães, avós, filhos e pai. Criança, jovem, mulher, cruel, alcoólico, doente mental e psicopata são figuras que estão associadas quer à violência, quer à violência doméstica.

Assim, a família está muito presente na representação social da violência doméstica, enquanto figuras fora da rede familiar que potencialmente podem praticar violência, surgem no campo representacional da violência. Refira-se, ainda, que as potenciais vítimas da violência e da violência doméstica, juntamente com grupos com perturbações da conduta são associados à violência e à violência doméstica.

A compreensão destes campos representacionais permitirá uma melhor intervenção nos fenómenos que estudamos a violência e a violência doméstica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alexandre, M. (2004). Representação social: uma genealogia do conceito. *Comum*, 10(23), 122-138.
- Almeida, S. F. C., Santos, M. C. A. B., & Rossi, T. M. F. (2006). Representações sociais de professores do ensino fundamental sobre violência intrafamiliar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(3), 277-286.
- Andrade, C. J. M., & Fonseca, R. M. G. S. (2008). Considerações sobre violência doméstica, gênero e o trabalho das equipes de saúde da família. *Rev Esc Enferm USP*, 42(3), 591-5.
- Alvarenga, D. P. D. (2004). Crime e criminalidade: distinção. *Revista Jus Vigilantibus*. Cedido pelo autor via online bldrummond@terra.com.br
- Alves, C. (2005). Violência doméstica. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Azevedo, M. A., & Guerra, V. N. A. (1995). Como se conceitua? Em *A violência doméstica na infância e na adolescência*. São Paulo: Robe.
- Balista, C., Basso, E., Cocco., & Geib, L. T. C. (2004). Representações sociais dos adolescentes acerca da violência doméstica. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 06(03). Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/836/984>
- Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- Brauner, M. C. C., & Carlos, P. P. (2004). A violência intrafamiliar sob a perspectiva dos direitos humanos. In G. Maluschke, J. S. N. F. Bucher-Maluschke, & K. Hermanns (Orgs.), *Direitos humanos e violência: desafios da ciência e da prática* (pp. 133-147). Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer.
- Climene, L. C., & Buralli, K. O. (1998). *Violência familiar contra crianças e adolescentes*. Salvador: Ultragraph.
- Conti, J. M. (2002). Violência Doméstica: proposta para a elaboração de lei própria e criação de varas especializadas. *Revista Diálogo Jurídico*, (12), 1-10. Disponível em: <http://www.direitopublico.com.br>
- Costa, J. M. B. (2003). *Sexo, Nexo e Crime*. Lisboa: Edições Colibri.
- Dantas-Berger, S. & Giffin, K. (2005). Violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual. *Cad. Saúde Pública*, 21(2), 417-425.

- Day, V. P., Telles, L. E. B., Zoratto, P. H., Azambuja, M. R. F., Machado, D. A., Silveira, M. B., Debiaggi, M., Reis, M.G., Cardoso, R. G., & Blank, P. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *R. Psiquiatr. RS*, 25(suplemento 1), 9-21.
- Deslandes, S. F., Gomes, R., & Silva, C. M. F. P. (2000). Caracterização dos casos de violência doméstica contra a mulher atendidos em dois hospitais públicos do Rio de Janeiro. *Cad. Saúde Pública*, 16(1),129-137.
- Diniz, G. R. S., & Angelim, F. P. (2003). Violência doméstica: por que é tão difícil lidar com ela? *Revista de psicologia da UNESP*, (2), 20-35.
- Ferriani, M. G. C. & Pelegrino, F. M. (2004). A trajetória da violência doméstica no município de Ribeirão Preto. *Rev Bra Enferm*, 57(3), 350-3.
- Machado, C., & Gonçalves, R. A. (2003). *Violência e Vítimas de Crimes*. Coimbra: Quarteto.
- Maldonado, D. P. A., & Williams, L. C. A. (2005). O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 353-362.
- Melo, Z. M., Caldas, M. T., Carvalho, M. M. C., & Lima, A. T. (2005). Família, álcool e violência em uma comunidade da cidade do Recife. *Psicologia em Estudo*, 10(2), 201-208.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas. *PSICO*, 37(1), 7-13.
- Novaes, M. F. (N.D). Violência intrafamiliar: conceituação e enfrentamento desse fenômeno. Discente do 2º ano do curso de Serviço Social das Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. e-mail: maryanne_novaes@unitoledo.br
- Odalía, N. (2004). *O que é violência* (6ª ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Pereira, S.M., Santana, J.S.S., & Ferriani, M.G.C. (2001). Violência rima com adolescência? In: ABEn. Associação Brasileira de Enfermagem. *Adolescer: compreender, atuar, acolher*. Brasília (DF): Associação Brasileira de Enfermagem, Ministério da Saúde, p. 95-103.
- Portugal, S. (2003). De que falamos quando falamos de violência doméstica? in L. Fonseca, C. Soares, & J. Vaz. *A Sexologia – perspectiva multidisciplinar II*. Coimbra: Quarteto editora, 199-214.
- Rabello, P. M., & Caldas-Junior, A. F. (2007). Violência contra a mulher, coesão familiar e drogas. *Rev Saúde Pública*, 41(6), 970-8.

Ramirez-Rodriguez, J. C., & Patiño-Guerra, M. C. (1996). Mujeres de Guadalajara y violencia doméstica: resultados de un estudio piloto. *Cad. Saúde Públ.*, 12(3), 405-409.

Rocha, C. R. M., Tassiano, C. M. L. M., & Santana, J. S. S. (2001). Acompanhamento dos adolescentes na família. In: ABEn. Associação Brasileira de Enfermagem. *Adolescer: compreender, atuar, acolher*. Brasília (DF): Associação Brasileira de Enfermagem, Ministério da Saúde, 2001. p. 38 –44.

Saffioti, (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero *Cadernos pagu*, (16), 115-136.

SOARES, B. M. (1999). *Mulheres invisíveis: violência conjugal e novas políticas de segurança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Soihet, R. (1997). Violência Simbólica. Saberes masculinos e representações femininas. *Revista Estudos Feministas*, 5(1), 7-29.

Vianna, I. O. A. (2001). *Metodologia do trabalho científico: um enfoque didático da produção científica*. São Paulo: E.P.U.

Yamazaki, A. F., & Escobar, E. M. A. (2000). Violência doméstica na infância. *Rev Enferm UNISA*, 1, 16-8. Disponível em [http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:52cOBfpTCd4J:scholar.google.com/+Teorias+psicodinamicas,+aprendizagem+social+e+s%C3%B3cio-psicol%C3%B3gicas+\(Guerra\)&hl=pt-BR&as_sdt=0,5](http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:52cOBfpTCd4J:scholar.google.com/+Teorias+psicodinamicas,+aprendizagem+social+e+s%C3%B3cio-psicol%C3%B3gicas+(Guerra)&hl=pt-BR&as_sdt=0,5)

Anexo 1

Termo de consentimento informado

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____ abaixo assinado depois de ter sido completamente informado(a) sobre os objectivos e procedimentos do estudo “depressão na gravidez e da depressão pós-natal” que está a ser desenvolvido no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, declaro que voluntariamente concordo em colaborar nesse estudo, sendo garantida a confidencialidade dos meus dados.

Benguela, __ de _____ de 2011

Anexo 2

CESPU FORMAÇÃO ANGOLA

A CESPU Formação Angola está a realizar um estudo sobre violência doméstica. É para este estudo que peço a sua colaboração.

As suas respostas são confidenciais - não serão reveladas a ninguém - e destinam-se exclusivamente a fins de investigação científica. Por isso mesmo não terá de se identificar. Responsabilizo-me pessoalmente pela confidencialidade das suas respostas.

Vou apresentar-lhe uma palavra em relação à qual deve dizer-me todas as palavras que lhe ocorrem, isto é, todas as palavras de que se lembre.

Vejamus um exemplo:

COMIDA faz-me pensar em: garfo, prato, arroz, satisfação, fome etc...

Interessa-me a sua resposta espontânea. Diga todas as palavras que lhe ocorrem. Diga o maior número possível de palavras. Não há boas nem más respostas. Não existe qualquer limite de tempo.

VIOLÊNCIA faz-me pensar em:

1-	7-
2-	8-
3-	9-
4-	10-
5-	11-
6-	12-

AS PESSOAS QUE ASSOCIO A VIOLÊNCIA SÃO:

1-	13-
2-	14-
3-	15-
4-	16-
5-	17-
6-	18-

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA faz-me pensar em:

7-	19-
8-	20-
9-	21-
10-	22-
11-	23-
12-	24-

AS PESSOAS QUE ASSOCIO A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA SÃO:

7-	25-
8-	26-
9-	27-
10-	28-
11-	29-
12-	30-

Para fins de tratamento estatísticos, agradecia que me indicasse:

SEXO:

PROFISSÃO:

IDADE:

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS:

ESTADO CIVIL: